

RECONCILIAÇÃO E REMEMORAÇÃO DA NATUREZA NO SUJEITO: ADORNO E A QUESTÃO DA POSSIBILIDADE DA FILOSOFIA¹

Douglas Garcia Alves Júnior²

RESUMO

Este artigo propõe uma interpretação do sentido da filosofia de Theodor Adorno a partir de um exame das noções de rememoração da natureza do sujeito e de reconciliação. A caracterização da dialética negativa como um pensamento da expressão permitirá compreender o questionamento da possibilidade atual da filosofia por Adorno como uma reflexão acerca do núcleo expressivo presente em todas as atividades humanas, seja ela a arte, a filosofia ou a expressão moral.

Palavras-chave: Adorno, Expressão, Reconciliação, Dialética negativa

ABSTRACT

This paper proposes an interpretation of Theodor Adorno's philosophy in the way of an analysis of his concepts of remembrance of nature in the subject and reconciliation. The perspective of negative dialectics as a philosophy of expression will allow to understand Adorno's questioning about the contemporary possibility for philosophy as reflection centered on the expressive core of human's activities, be these art, philosophy or moral experience as well.

Keywords: Adorno, Expression, Reconciliation, Negative dialectics

¹ Versão revista e ampliada de seção de minha dissertação de mestrado, intitulada *Depois de Auschwitz: a questão do anti-semitismo em Theodor Adorno*, defendida junto ao programa de pós-graduação em Filosofia da UFMG, em março de 1998.

² Doutorando em Filosofia pela FAFICH/UFMG.

O objetivo deste artigo é indicar o lugar central, no âmbito do pensamento adorniano, das noções de rememoração da natureza no sujeito (*Eingedenken der Natur im Subjekt*) e de reconciliação (*Versöhnung*). A tese proposta, aqui, é a de que ambas são conceitos reguladores do pensamento de Adorno, presentes desde a elaboração de uma “dialética do esclarecimento” até o desenvolvimento da concepção de uma “dialética negativa”, a qual implica um questionamento radical da possibilidade atual da atividade filosófica. Assim, num primeiro momento, indicar-se-á como é feita a articulação da idéia de reconciliação com a idéia de *experiência* (*Erfahrung*) no contexto filosófico da *Dialética Negativa*. Apontar-se-á para a importância central, nessa perspectiva, da noção de *rememoração da natureza no sujeito*, que já aparecera na *Dialética do Esclarecimento*. Em seguida, a questão da possibilidade da filosofia será explicitada pela noção de *modelos de pensamento* (*Denkmodelle*). Dessa maneira, a consideração de um elemento expressivo no pensamento é referida como condição de possibilidade da atividade filosófica. Através deste percurso procura-se indicar tanto a notável continuidade de sentido da reflexão adorniana quanto a medida em que esse pensamento se faz através do entrecruzamento da problematização ética, estética e gnosiológica.

Se “Auschwitz privou de direito toda voz das alturas, ainda que seja teológica”³, ao mesmo tempo, a possibilidade de permanência do pensamento filosófico só se faz sob a perspectiva da reconciliação. Não se trata, porém, de projetar o que se encontra na realidade irreconciliado como se já estivesse realizado, pois “enquanto o mundo for o que é, todas as imagens de reconciliação, paz e tranquilidade se parecem com a imagem da morte” (DN, 381). No entanto, o impulso da filosofia vem da reflexão a respeito do estado de culpa em que está enredado tudo que existe depois de Auschwitz, inclusive o próprio pensamento (DN, 364s).

Essa obrigação de pensar a distância que separa o conceito de uma humanidade realizada do estado de coisas atual apenas é possível através daquela esperança liberada pela experiência do contato com

³ Adorno, Theodor, *Dialética Negativa*, tradução espanhola de José Maria Ripalda, Madrid, Taurus, 1975, pp. 366s. Doravante citada segundo a abreviatura DN, seguida pelo número de página da mesma edição.

aquilo que, no objeto, transcende a sua mera adequação ao conceito. Assim, em *Minima Moralia* já é possível encontrar aquela noção da experiência metafísica como *escritura*, segundo a qual tudo que existe deve ser posto em constelação pela atividade do sujeito.

O conhecimento não tem outra luz além daquela que, a partir da redenção, dirige seus raios sobre o mundo: tudo o mais se exaure na mera reprodução e permanece uma parte da técnica. Seria produzir tais perspectivas nas quais o mundo analogamente se desloque, se estranhe, revelando suas fissuras e fendas, tal como um dia, indigente e deformado, aparecerá na luz messiânica. Obter tais perspectivas sem arbítrio nem violência, a partir tão-somente do contato com os objetos, é a única coisa que importa para o pensamento.⁴

Nesse sentido, ressalta o que Adorno chama de rememoração da natureza no sujeito⁵. Trata-se de uma reação da dialética negativa contra o sentido unilateral de fenômenos típicos da irracionalidade esclarecida, como a indústria cultural e a propaganda fascista, os quais, como uma “psicanálise às avessas”, realizam uma manipulação autoritária do momento de natureza das pessoas, de sua dinâmica pulsional, privando-as daquilo que as caracterizaria propriamente como sujeitos, vale dizer, de sua capacidade para a experiência:

⁴ Adorno, Theodor, *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*, tradução de Luiz Bicca, São Paulo, Ática, 1992, pp. 215s.

⁵ A questão da rememoração da natureza no sujeito se encontra já na *Dialética do Esclarecimento*: “graças a essa rememoração da natureza no sujeito, que encerra a verdade ignorada de toda cultura, o esclarecimento se opõe à dominação em geral”. In: Adorno, Theodor, e Horkheimer, Max, *Dialética do Esclarecimento*, tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.50. Doravante citada segundo a abreviatura DE, seguida pelo número de página da mesma edição. No original: “Durch solches Eingedenken der Natur im Subjekt, in dessen Vollzug die verkannte Wahrheit aller Kultur beschlossen liegt, ist Aufklärung der Herrschaft überhaupt entgegengesetzt” (In: Adorno, Theodor W., e Horkheimer, Max, “Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente”, in: Horkheimer, Max, *Gesammelte Schriften*, Vol. 5, organizados por Gunzelin Schmid Noerr, Frankfurt am Main, Fischer, 1987, p. 64.

*Experiência liberada subjetivamente e experiência metafísica convergem em humanidade. Não há expressão de esperança que não se encontre na base da expressão do humano. Ela irradia das grandes obras de arte, inclusive na era de seu emudecer, com mais força do que dos textos teológicos tradicionais... aquilo que anuncia que nem tudo é vão existe graças à simpatia para com o humano, autoreflexão da natureza nos sujeitos. **Somente na experiência da natureza que se é, é que o espírito supera a natureza.** (DN, 395, grifo meu)⁶*

Adorno encontra na *experiência estética* um modelo para esse tipo de contato não-distorcido com a dimensão de não-identidade no próprio sujeito. Assim, em *Mínima Moralia*, ele já se pronunciava a respeito do juízo estético como um ensaio de reconciliação entre naturalidade e racionalidade (cf. aforismos 43, 79, 127). Nessa perspectiva, a experiência estética reuniria cognição e posicionamento ético, na medida em que o juízo, através da imaginação, é a faculdade do pensamento capaz de medir a distância entre o real e aquilo que é prometido pelo seu conceito.

É assim que, em *Teoria Estética*, Adorno fala da obra de arte autêntica como *mímese do morto* – morte presente, na verdade, no processo social da reificação em curso – como um experimento em direção à reconciliação, na medida em que, ao se contrapor conscientemente ao princípio de morte vigente na cultura, é capaz de criar um âmbito distinto da violência do existente contra a vida e a particularidade. Ao fazê-lo, ela deve desenvolver a diferença entre o universal da dominação e o não-idêntico. Segundo Adorno:

⁶ No original: "Subjektiv befreite und metaphysische Erfahrung konvergieren in Humanität. Jeglicher Ausdruck von Hoffnung, wie er von den grossten Kunstwerken noch im Zeitalter ihres Verstumms mächtiger ausgeht als von den überlieferten theologischen Texten, ist konfiguriert mit dem des Menschlichen... Was bedeutet, nicht alles sei vergebens, ist durch Sympathie mit dem Menschlichen, *Selbstbesinnung der Natur in den Subjekten; allein in der Erfahrung der eigenen Naturfähigkeit entragt der Genius der Natur*" (In: Adorno, Theodor W., "Negativ Dialektik", *Gesammelte Schriften*, Vol. 6, organizados por Rolf Tiedeman, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1973, p. 389s).

Nas obras de arte, o espírito já não é o velho inimigo da natureza. Suaviza-se até se reconciliar. A natureza não significa reconciliação, segundo a fórmula classicista: esta é o seu [da arte] próprio comportamento, que percebe o não-idêntico. O espírito não identifica este, identifica-se com ele... A reconciliação como comportamento da obra de arte é, hoje, justamente exercitada quando a arte renuncia à idéia de reconciliação nas obras cuja forma lhes impõe a inflexibilidade. Contudo semelhante reconciliação irreconciliável na forma tem como condição a irrealidade da arte⁷.

A reconciliação irreconciliável da obra de arte aponta para a utopia, para um estado de coisas em que a dominação violenta da natureza seja substituída por um modo de relação diverso com a naturalidade, em que fosse possível o respeito do espírito àquilo que, como contraposto, na verdade o constitui, o seu momento de natureza. Assim, a arte autêntica seria uma “promessa de felicidade que se quebra” (TE, 157), no sentido de que ela não renuncia nem à denúncia do mau existente – apontando, desse modo, para o seu possível negativo – nem, por outro lado, esboça uma imagem do que seria a sua superação. A sua verdade reside em que ela mantém a promessa ao mesmo tempo em que assinala a impossibilidade de representar o seu cumprimento nas condições presentes:

Mas, porque a utopia, o não-ente, se encontra para a arte velada de negro, permanece, em todas as suas mediações, como lembrança, a lembrança do possível contra o real que a oprime, algo como a compensação imaginária da catástrofe da história do mundo, liberdade que, sob a influência da necessidade, não existiu e acerca da qual não se sabe se pode existir. Na sua tensão para a catástrofe permanente, a negatividade da arte está ligada à methexis na obscuridade. Nenhuma obra de arte existente ou que aparece domina positivamente o não-ente. (TE, 156s)

⁷ Adorno, Theodor, *Teoria Estética*, tradução de Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1988, p. 155. Doravante citada segundo a abreviatura TE, seguida pelo número de página da mesma edição.

A arte como mimese do morto é entendida por Adorno como uma forma de ação moral e de conhecimento, na medida em que a obra de arte envolve um esforço de elaboração do positivo, bem como de discriminação daquilo que lhe é imanente, através do trabalho formal sobre o material, trabalho que, simultaneamente, envolve mimese do existente reificado e sua configuração racional através da linguagem. Adorno confere a esse procedimento uma importância capital, na medida em que ele aparece como possibilidade de configurar um *sujeito coletivo ainda não existente*. É a dimensão *necessariamente utópica* de toda obra de arte digna do nome:

A grosseria no pensamento é a incapacidade de diferenciar na coisa (Sache), e a diferenciação é tanto uma categoria estética como uma categoria de conhecimento... A mesma coisa se aplica à moral. A brutalidade perante as coisas (Sachen) é potencialmente uma brutalidade para com os homens. O bruto, cerne subjetivo do mal, é negado a priori pela arte, para a qual o ideal de plena elaboração é inalienável: isso e não a promulgação de teses morais ou a obtenção de um efeito moral é que constitui a participação da arte na moral e a associa a uma sociedade mais digna dos homens. (TE, 260)

Na obra de arte, através da dialética entre mimese e racionalidade que lhe é própria, se faz a experiência da irreconciliabilidade entre espírito e natureza, desde uma perspectiva que impõe o *telos* da reconciliação *de maneira problemática*, na medida em que ambos os pólos se encontram postos, nas condições atuais, sob uma dominação estrita do todo social. Dessa maneira é que Adorno fala da *aporía da arte*, aporia esta que também é a da filosofia, entre as exigências conflitantes de reconciliação e irreconciliação, entre a necessidade de liberar o que na natureza se apresenta como cifra do reconciliado e o de manter a consciência do princípio que impõe a separação espírito/ natureza, o qual não pode ser revogado simplesmente por um gesto do pensamento:

A arte não pode satisfazer o seu conceito... a aporia da arte, entre a regressão à magia literal ou a transferência do impulso

mimético para a racionalidade coisificante, prescreve-lhe a sua lei de movimento; tal aporia não pode remover-se. A profundidade do processo que é cada obra de arte é posta a descoberto pela irreconciliação destes momentos; é preciso acrescentá-la à idéia da arte como imagem da reconciliação. Unicamente porque nenhuma obra de arte pode ter sucesso de modo enfático é que suas forças são libertadas; só assim ela encara a reconciliação. (TE, 69)

Adorno expressa a situação antinômica da arte (e, por extensão, poderíamos dizer, da filosofia) em *Tentativa de Entender 'Fim de Jogo'*,⁸ ensaio sobre Beckett. Ela não pode abandonar-se à natureza, no que regressaria à mitologia, nem hipostasiar o seu conceito como já realizado. E na tensão entre a idéia de reconciliação e a irreconciliação objetiva que ela se faz possível:

A arte somente pode conceber a reconciliação – a sua idéia – como uma reconciliação daquilo que foi alienado. Se a arte simula o estado de reconciliação, ao render-se ao mero mundo das coisas, ela se nega a si mesma... Na arte, a realidade irreconciliada não tolera nenhuma reconciliação com o objeto... a dignidade da arte, hoje, é medida não se perguntando se ela, por astúcia ou sorte, se furta a essa antinomia, mas se a arte a confronta e desenvolve⁹.

Na verdade, uma compreensão desse processo e da antinomia em que encerra o pensamento filosófico e a arte remonta às páginas da *Dialética do Esclarecimento*, na medida em que se a compreende como situação de enredamento posta pela própria ordem das coisas sob o esclarecimento: “a essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao

⁸ Adorno, Theodor, “Trying to understand *Endgame*”, traduzido por Michael P. Jones, *New German Critique*, 26 (1982): 119-50.

⁹ *Ibidem*, p. 127.

eu"¹⁰ (DE, 43). Com efeito, o processo posto em marcha pelo esclarecimento acaba por realizar o contrário do que era sua finalidade original, na medida em que tem lugar uma "revolta da natureza"¹¹: a ancestral dominação a que se submete a natureza tem como contrapartida a submissão dos homens ao ciclo natural, processo que tem lugar, de modo paradigmático, no fenômeno do anti-semitismo, na medida em que "a raça não é imediatamente, como querem os racistas, uma característica natural particular. Ela é, antes, a *redução ao natural*, à pura violência, a particularidade obstinada que, no existente, é justamente o universal"¹² (DE, 158, grifo meu).

É dessa maneira que, segundo Adorno e Horkheimer, o anti-semita dirigiria sua fúria ao judeu, ao ver nele os sinais de uma natureza tanto mais violentamente recalcada quanto mais aparentada com o ideal de uma felicidade não maculada pelo poder, pelas exigências da civilização (DE, 161). A ordem fascista se aproveitaria desse ressentimento do "civilizado" para com a civilização manipulando suas necessidades pulsionais, através da propaganda, dos rituais, de toda uma mitologia pseudo-naturalista, de forma a canalizar o ódio para alvos escolhidos pela direção do movimento. Nesse sentido, ao anatemizar o judeu como animal, ao reduzi-lo à espécie, *é o próprio anti-semita que seria reduzido à natureza*. Isso se faria pela manipulação organizada do impulso mimético e da tendência à projeção irrefletida (cf. DE, 168-94).

¹⁰ No original: "Das Wesen der Aufklärung ist die Alternative, deren Unausweichlichkeit die der Herrschaft ist. Die Menschen hatten immer zu wählen zwischen ihrer Unterwerfung unter Natur oder der Natur unter das Selbst" ("Dialektik der Aufklärung", *op. cit.*, p. 55).

¹¹ A expressão "revolta da natureza" é usada por Horkheimer como título de uma das suas conferências reunidas em *Eclipse da Razão*, que trata justamente da manipulação do impulso mimético pelo fascismo, numa argumentação muito próxima àquela desenvolvida na *Dialética do Esclarecimento*. Cf. Horkheimer, Max, *Eclipse da Razão*, tradução de Sebastião Uchôa Leite, Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976.

¹² No original: "Rasse ist nicht, wie die Völkischen es wollen, unmittelbar das naturhaft Besondere. Vielmehr ist sie die Reduktion aufs Naturhafte, auf bloße Gewalt, die verstockte Partikularität, die im Bestehenden gerade das Allgemeine ist" ("Dialektik der Aufklärung", *op. cit.*, p. 198s).

A idéia de reconciliação e seu desenvolvimento pelo pensamento filosófico, sobretudo a partir da conscientização dos mecanismos que tornaram Auschwitz possível, remete, portanto, ao sentido de uma recuperação do momento de não-identidade no sujeito, vale dizer, de sua porção de natureza. Se o anti-semitismo e a indústria cultural realizariam uma “reconciliação às avessas” entre espírito e natureza, caberia, no espírito da dialética negativa, valorizar a idéia de que é na separação refletida entre ambos os pólos é que se dá a possibilidade de uma redenção do natural. O espírito que recorda seu momento de naturalidade poderia, com efeito, desembaraçar-se do destino, imposto pelo esclarecimento, que o obriga a voltar-se contra ela como violência:

O esclarecimento é mais do que esclarecimento: natureza que se torna perceptível em sua alienação. No autoconhecimento do espírito como natureza em desunião consigo mesma, a natureza chama a si mesma como antigamente... Graças a essa rememoração da natureza no sujeito, que encerra a verdade ignorada de toda cultura, o esclarecimento se opõe à dominação em geral. (DE, 50)

A possibilidade de reconciliação não se faz sem a presença daquilo que se arranca à natureza e que, ao negá-la, é capaz de dar voz a ela. Esse elemento é o conceito (DE, 50). Nesse sentido, o próprio processo do esclarecimento tende a suprimir o conceito, enquanto elemento de autoreflexão, e a se abandonar à mera dominação. Sem o elemento do conceito, que é capaz de se voltar para a natureza e nela vislumbrar a perspectiva da vida deformada, a humanidade torna-se incapaz de distinguir finalidades e se esgota no mero processo de autoconservação. O conceito como autoreflexão do elemento de natureza no espírito aponta para a superação do sacrifício da natureza, o qual, na verdade se mostra como um sacrifício *da própria razão*.

Com a negação da natureza no homem não apenas o telos da dominação externa da natureza, mas também o telos da própria vida se torna confuso e opaco. No instante em que o homem elide a consciência de si mesmo como natureza, todos os fins para os quais ele se mantém vivo – o progresso social, o

umento de suas forças materiais e espirituais, até mesmo a própria consciência – tornam-se nulos. (DE, 60)

Na *Dialética Negativa*, Adorno compreende essa possibilidade como “superação conceitual do conceito”¹³ (DN, 24), que consistiria numa recuperação do mimético na interioridade do pensamento filosófico: “apenas de um modo pode o conceito representar a causa da mimese, que ele suplanta: apropriando-se de algo dela em seu próprio comportamento, sem a ela abandonar-se” (DN, 23). Nesse sentido, a compreensão adorniana da filosofia como expressão (*Ausdruck*)¹⁴ se faz presente, de forma a reunir cognição, ética e estética. Se o pensamento consegue superar o momento meramente identificante, classificatório, isso só é possível pela incorporação de um elemento estético, a expressão, que busca resgatar, no objeto, aquilo que não encontra lugar sob o conceito – atitude que abrange uma dimensão ética, na medida em que envolve um respeito pela coisa, uma abdicação do gesto da dominação, que liquida tudo que se lhe contrapõe. É a *utopia do conhecimento*, que seria “penetrar com conceitos o que não é conceitual sem acomodá-lo aos conceitos”¹⁵ (DN, 18), e que conteria, assim, uma dimensão ética e estética.

Entender a filosofia como expressão é recordar a origem não conceitual do conceito, conscientizar-se de seu caráter histórico, não-absoluto, de forma a contrapor-se à sua reificação, isto é, à tendência a separá-lo da totalidade não-conceitual da qual ele deriva como algo mediado (DN, 20). A reflexão conceitual deve ser voltada para o que lhe é heterogêneo, tornar-se experiência do objeto, através do momento da exposição, aquele que busca recuperar, de maneira mimética, a

¹³ No original: “über den Begriff durch den Begriff hinauszugelangen” (“Negative Dialektik”, *op. cit.*, p. 27).

¹⁴ A esse respeito, Cf. os trabalhos de Rodrigo Duarte: “Expressão como Fundamentação”, in: *Adornos, nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*, Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1997; e “Expression as a philosophical attitude in Adorno”, *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 100, Dez/99, p. 81-97.

¹⁵ No original: “Die Utopie der Erkenntnis wäre, das Begrifflose mit Begriffen aufzutun, ohne es ihnen gleichzumachen” (“Negative Dialektik”, *op. cit.*, p. 21).

origem extra-conceitual do conceito. Na exposição, o *rigor* se encontra com a *expressão*, como atenção micrológica à coisa – aqui, Adorno remete a Benjamin:

A exposição em filosofia não lhe é indiferente e extrínseca, mas imanente à sua idéia. A única forma de objetivar toda sua componente expressiva, que é mimética e irracional, é a expressão, a linguagem. A liberdade da filosofia não é outra que a capacidade de ajudar a sua não - liberdade a soar... o dito vagamente está mal pensado. A expressão obriga o expressado a ser rigoroso. (DN, 26)¹⁶

Sem o elemento da expressão, salienta Adorno, a filosofia se avizinha da ideologia que considera tudo que é natureza como inferior, gesto comparável ao do predador que se lança sem hesitar sobre a sua presa. Ao se esquecer da sua origem natural a filosofia, na verdade, tende a retornar à natureza, como fúria de destruição. Sem a autoreflexão do espírito acerca daquilo que o constitui como verdade, o pensamento sela o seu abandono ao irracional. É assim que, contra a idéia de sistema, que encerra uma projeção falsa de reconciliação, Adorno recupera em D'Alembert a idéia de *esprit systématique*, distinto, por sua vez, tanto do sistema científico como do filosófico, na medida em que remete à "mútua afinidade entre os objetos" (*die Affinität der Gegenstände zueinander*), e que visa à coisa mesma, em sua conexão imanente, de modo em que "recorda, de forma invertida, a coerência do não-idêntico, a qual, precisamente, é abalada pela sistemática dedutiva" (DN, 33). Com efeito, a *Encyclopédie* fornece a Adorno a noção de *modelos de pensamento*, uma imersão do pensamento na coisa, de maneira a deixar que surja a voz do objeto. Aqui se encontra a noção, já aludida, de uma inflexão da metafísica no sentido do micrológico:

¹⁶ No original: "warum der Philosophie ihre Darstellung nicht gleichgültig und äusserlich ist sondern ihrer Idee immanent. Ihr integrales Ausdrucksmoment, unbegrifflich-mimetisch, wird nur durch Darstellung – die Sprache – objektiviert. Die Freiheit der Philosophie ist nicht anderes als das Vermögen, ihrer unfreiheit zum Laut zu verhelfen... das lax Gesagte ist schlecht gedacht. Durch Ausdruck wird Stringenz dem Ausdrückten abgezwungen" ("Negative Dialektik", *op. cit.*, p. 29).

A visada que seculariza a metafísica é aquela que, ao interpretar o fenômeno, descobre o que é, graças ao que percebe nele mais do que meramente é. Somente uma filosofia em forma de fragmentos realizaria de verdade as mônadas que o idealismo desenhou ilusoriamente. Seriam imagens da totalidade, que como tal, é irrepresentável, no particular. (DN, 36, grifo meu)

Nos *modelos*, o pensamento se volta para o particular, à maneira da composição musical, compondo seus conceitos ao redor do objeto, de maneira a romper a coerção sistemática, que aliena o conceito de seu objeto e o organiza em séries hierárquicas. Ao invés, a dialética negativa se faz como experiência da contraditoriedade objetiva (DN, 37, 41). Com efeito, a capacidade para a *experiência* define a possibilidade de uma filosofia ainda possível sob a perspectiva da redenção. Adorno a define como um “plus em sujeito”, mas não à maneira da razão subjetiva, que se reduz à operação, mas como abertura à uma “experiência diferenciada do objeto”:

Graças à sua participação no medium discursivo, a experiência individual é por sua própria natureza sempre mais que meramente individual. O indivíduo se converte em sujeito enquanto se objetiva pela sua consciência individual: na unidade de si mesmo como na de suas experiências: os animais parecem incapazes de ambas as coisas. A experiência individual alcança o universal porque e enquanto o é em si mesma. (DN, 51)¹⁷

Na idéia de experiência se reúne, assim, tudo aquilo que poderia se contrapor às falsas reconciliações entre universal e particular

¹⁷ No original: “Durch ihre [individueller Erfahrung] Teilhabe am diskursiven Medium ist sie der eigenen Bestimmung nach immer zugleich mehr als nur individuell. Zum Subjekt wird das Individuum, insofern es kraft seines individuellen Bewusstseins sich objektiviert, in der Einheit seiner selbst wie in der seiner Erfahrungen: Tieren dürfte beides versagt sein. Weil sie in sich allgemeinen ist, und sowie es ist, reicht individuelle Erfahrung auch aus Allgemeine heran” (“Negative Dialektik”, *op. cit.*, p. 56).

levadas a cabo pelo processo do esclarecimento. O pensamento sobre a rememoração da natureza no sujeito e a perspectiva da reconciliação numa filosofia ainda possível depois de Auschwitz se encontram naquilo que justifica a própria permanência de uma idéia de humanidade, vale dizer, num impulso em direção a um estado reconciliado. Se aposta, assim, na passagem de um estado de coisas que aniquila a própria idéia de humanidade, na medida em que impõe a destruição física de milhões de seres humanos, para um estado em que essa mesma idéia fizesse sentido, como natureza e espírito libertados:

A reconciliação é o conceito supremo do judaísmo, e todo o seu sentido consiste na espera; é da incapacidade de esperar que surge a forma de reação paranóica... superando a doença do espírito, que grassa no terreno da auto-afirmação imune à reflexão, a humanidade deixaria de ser a contra-raça universal para se tornar a espécie, que, embora natureza, é mais do que simples natureza, na medida em que se apercebe de sua própria imagem. (DE, 186)¹⁸

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor, *Dialéctica Negativa*, trad. de José Maria Ripalda, Madri, Taurus, 1975 (ADORNO, Theodor, "Negative Dialektik", *Gesammelte Schriften*, Vol. 6, org. por Rolf Tiedeman, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1973).

ADORNO, Theodor, "Trying to Understand Endgame", trad. por Michael P. Jones, *New German Critique*, 26 (1982): 119-50.

¹⁸ No original: "Versöhnung ist der höchste Begriff des Judentums und dessen ganzer Sinn die Erwartung, der Unfähigkeit zu dieser entspringt die paranoische Reaktionsform... mit der Überwindung der Krankheit des Geistes, die auf dem Nährboden der durch Reflexion ungebrochenen Selbstbehauptung wuchert, würde die Menschheit aus der allgemeinen Gegenrasse zu der Gattung, die als Natur doch mehr ist als blosse Natur, indem sie ihres eigenen Bildes innewird" ("Dialektik der Aufklärung", *op. cit.*, pp. 229s).

ADORNO, Theodor, *Teoria Estética*, trad. de Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1988.

ADORNO, Theodor, *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*, trad. de Luiz Bicca, São Paulo, Ática, 1992.

ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento*, trad. de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985 (ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max, "Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente", in: Horkheimer, Max, *Gesammelte Schriften*, Vol. 5, org. por Gunzelin Schmid Noerr, Frankfurt am Main, Fischer, 1987).

DUARTE, Rodrigo, "Expressão como fundamentação", in: *Adornos, nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

_____. "Expression as a philosophical attitude in Adorno", *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 100, Dez/99, p. 81-97.

HORKHEIMER, Max, *Eclipse da Razão*, trad. de Sebastião Uchôa Leite, Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976.